

Pesquisa e intervenção por meio da imagem: O recurso fotográfico no cotidiano de varredores de rua

Kátia Maheirie
Patrícia Boeing
Gissele Cristina Pinto

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

RESUMO

O presente artigo versa sobre o desenvolvimento de um trabalho de intervenção psicológica, à luz da Psicologia Social-Comunitária, junto a um grupo de varredores de rua de Florianópolis, o qual teve como principal mediador o uso do recurso fotográfico. O objetivo foi investigar o sentido do trabalho, a situação psicossocial destes trabalhadores, intervindo na promoção de seu bem-estar, na valorização de sua singularidade, de sua história e de seus desejos, destacando a importância de sua profissão para o contexto social. A fotografia, como recurso, permitiu nos aproximarmos dos sujeitos por intermédio das imagens, facilitando nossa participação no compartilhar os sentidos que eles produziam sobre si e sobre seu espaço. A última etapa do trabalho foi marcada por uma exposição fotográfica, levando ao conhecimento do público em geral uma parte da realidade desta categoria profissional e, ao mesmo tempo, possibilitando momentos de reflexão e contemplação de suas imagens em contextos de trabalho.

Palavras-chave: Varredores de rua; fotografia; trabalho; bem-estar psicossocial.

ABSTRACT

Research and intervention by means of the image: the photographic resource in the daily one of street cleaners

The present article turns on the development of a work of psychological intervention, under the light of Social-Comunitary Psychology, with a group of street cleaners of Florianópolis, which had as main mediator the use of the photographic resource. The objective was to investigate the meaning of the work, the psychosocial situation of these workers, intervined in the promotion of its well-being, in the valuation of its singularity, of its history and its desires, detaching the importance of its profession for the social context. The photograph, as resource, it allowed in approaching them to the citizens for intermediary of the images, facilitating our participation in sharing the directions that they produced on itself and on its space. The last stage of the work was marked by a photographic exposition, taking to the knowledge of the public one it has in general left of the reality of this professional category and, at the same time, making possible moments reflection and contemplation of its images in work contexts.

Key words: Street cleaners; photography; work; psychosocial well-being.

A idéia de realizar um trabalho com varredores de rua, colocando a psicologia como uma mediação nesta tarefa, foi sendo construída quando tivemos oportunidade de ouvir uma varredora falar um pouco do cotidiano de seu ofício. Sensibilizadas pela sua fala, inevitavelmente, começamos a voltar com mais atenção nosso olhar para esta categoria profissional. Pouco tempo depois, tomamos conhecimento da pesquisa desenvolvida pelo psicólogo Fernando Braga da Costa (2002) com garis que trabalhavam no campus da USP, cujo objetivo foi investigar a maneira como estes trabalhadores estavam inseridos na cena pública.

O resultado de tal investigação apontou o quanto a relação entre os garis e as pessoas com quem dividiam espaço em seu ambiente de trabalho era deficiente, no sentido da total ausência de reconhecimento e valorização pessoal destes profissionais. Os garis eram tratados como seres invisíveis, sem nome; pois, em geral, apenas sua função era vista em detrimento do reconhecimento deles enquanto sujeitos políticos, sociais, de desejos, com histórias de vida, paixões, tristezas...

Costa (2002) concluiu que os garis com quem trabalhou sofriam do que ele veio a conceituar como

“invisibilidade pública”, fruto da percepção humana constituída a partir da lógica da divisão social do trabalho, a qual vê unicamente o resultado de uma função desempenhada, e não o sujeito que a presta. Esta problemática se agrava quando o resultado de um fazer só é percebido quando não feito, ou seja, o reconhecimento do trabalhador e de sua função se dá pelo “não fazer”, levando o sujeito a se tornar presente na sua ausência, na falta e/ou ineficiência do seu trabalho.

Levando-se em consideração este fato, o interesse em oferecer uma intervenção psicológica com vistas ao bem-estar psicossocial¹ de um grupo de varredores de rua de Florianópolis partiu do pressuposto de que estes fazem parte de uma categoria profissional onde a falta de prestígio e de reconhecimento social se intensifica, podendo acarretar prejuízos na visão que os sujeitos que experimentam tal situação constróem a respeito de si.

O sujeito para nós é compreendido como objetividade e subjetividade a um mesmo tempo, em constante relação com os outros sujeitos, com os objetos, com a natureza, com o tempo e com seu próprio corpo, na dialética entre as determinações do contexto e um desejo de ser que o faz transcender constantemente (Maheirie, 2002). E assim, cada sujeito é um modo específico de se fazer uma particularidade do universal, ou conforme Vygotsky (1996), cada indivíduo, em sua singularidade, é expressão de um contexto específico, considerando que nele se revelam as diversidades de suas relações sociais.

Conseqüentemente, olhar o específico (o sujeito) significa olhar o geral, o contexto no qual se insere, as atividades que ali empreende, sua condição histórica, o lugar que ocupa nesse contexto, como o significa e como é significado pelos demais sujeitos com os quais se relaciona (Zanella, 2004). Nesta perspectiva, nos perguntamos sobre quais são os sentidos produzidos acerca de seu fazer e de si mesmos? A constituição do olhar sobre si é um processo que ocorre através do estabelecimento de relações com os outros e consigo próprio e, assim, irremediavelmente, perpassa e é produzido pelo social.

Cabe lembrar que a visão de homem na qual se apoiou todo esse trabalho é a do sujeito histórico-social, produto e produtor de sua cultura, singular e único, em constante construção e, portanto, tão mutável quanto o mundo em que vive. Em conseqüência, o fundamento teórico-prático que adotamos implica que a nossa pesquisa e/ou ação esteja comprometida com as transformações sociais libertadoras, no sentido da emancipação dos sujeitos frente a situações de opressão, de exclusão, de perda da cidadania e do reconhecimento de si enquanto ser desejante.

Há também as implicações metodológicas decorrentes da escolha de nosso referencial teórico, na medida em que buscamos romper com os moldes científicos tradicionais em suas concepções acerca da pesquisa, da relação pesquisador-pesquisado e dos procedimentos e técnicas que utilizamos para desenvolver a investigação. Verdades únicas, objetivas e generalizantes saem de cena, enquanto pressupostos como complexidade, relativização da verdade e não neutralidade do pesquisador, transformam o entendimento e a prática em pesquisa, em geral, mais identificada com as abordagens qualitativas (Tittoni & Jacques, 1998).

Trabalhar com a psicologia objetivando-se o bem-estar psicossocial dos sujeitos requer que, primeiramente, pesquisemos a existência e o modo como se objetiva o sofrimento que estes se encontram. Utilizar tal temática como categoria de análise

significa colocar no centro das reflexões sobre exclusão, a idéia de humanidade e, como temática, o sujeito e a maneira como se relaciona com o social (família, trabalho, lazer e sociedade), de forma que, ao falar de exclusão, fala-se de desejo, temporalidade e de afetividade, ao mesmo tempo que de poder, de economia e de direitos sociais (Sawaia, 1999, p. 98).

Nesta direção, bem-estar e sofrimento psicossocial referem-se à qualidade e ao efeito das relações que o sujeito estabelece nos espaços em que se movimenta, estando diretamente ligados ao exercício da cidadania, à construção e manutenção da auto-estima e à iniciativa de enfrentamento dos problemas cotidianos. É então, a constância, intensidade e teor das relações que afetam² o sujeito; em conjunto com as estratégias e recursos racionais/afetivos que este dispõem para se posicionar frente a elas, as determinantes de sua condição de autonomia, de ação e de ser que deseja.

A partir deste entendimento, seguimos o rastro da inquietação provocada pelas pesquisas referentes às profissões que têm como local de trabalho a rua e, que estão direta ou indiretamente ligadas à limpeza pública, o qual teve como resultado um projeto de intervenção em psicologia social-comunitária. Nosso projeto pretendia, sobretudo, trabalhar com um grupo de varredores de rua no sentido de seu bem-estar psicossocial, mas objetivava, também, atingir a comunidade na qual estes profissionais prestavam seu serviço.

¹ “Bem-estar psicossocial é a liberdade que é deixada ao desejo de cada um na organização de sua vida individual, compreendendo que este desejo está inexoravelmente ligado ao dos outros e que, portanto, esta ação é coletiva”.

² Afetar é entendido como uma ação que impregna tonalidade e cor emocional a existência do ser humano.

Em vista da amplitude e dos objetivos do projeto, adotamos como uma das técnicas de intervenção o recurso fotográfico, entendendo que a partir dele seria possível nos aproximarmos dos sujeitos por intermédio das imagens, o que facilitaria nossa participação no compartilhar e (re)construir os sentidos que eles produziram sobre si e sobre seu espaço. Em contrapartida, as imagens também poderiam ser utilizadas em exposição fotográfica³, onde seria possível levar ao conhecimento do público em geral um pouco da realidade de uma categoria profissional pouco (re)conhecida.

O RECURSO FOTOGRAFICO

A fotografia foi utilizada pela primeira vez como recurso na pesquisa em psicologia na última década do século XIX, na qual exerceu uma função de registro (Koller e Silva, 2002). Geralmente, a fotografia é utilizada apenas como um produto visual, um apoio, mas de acordo com Gomes (1996), durante o registro de uma experiência, a fotografia pode provocar novas percepções, dar vazão à subjetividade que acompanha o ato de olhar e tornar imortal um momento e local registrados. Por meio da imagem, diferentes aspectos podem ser percebidos e identificados, trazendo novas informações àqueles que a observam.

Fotografar é uma maneira de questionar a imagem inicialmente percebida. A fotografia provoca dúvidas, gera reflexões, produz soluções e sua utilização na realização de pesquisas teóricas tem sido significativa. Segundo Spencer (1974), a contribuição da fotografia na ciência é a seqüência de registros qualificados que não pode ser obtida de nenhuma outra forma, servindo como uma espécie de olho sintético, imparcial, capaz de tornar visível fenômenos que, de outra forma, não haveríamos conhecido.

Conforme um levantamento histórico-metodológico acerca da utilização do recurso fotográfico na ciência psicológica, Koller e Silva (2002) encontraram a seguinte afirmação em uma pesquisa desenvolvida por Fryrear, Nuell e Ridley (citado por Koller e Silva, 2002): o grupo participante da pesquisa

que recebeu *feedback* através das fotografias aumentou significativamente o autoconceito, a auto-satisfação e o uso de defesas psicológicas necessárias à manutenção da auto-estima. Segundo os autores, a fotografia tem a vantagem de ser um registro visual permanente que permite ao indivíduo ver a si mesmo de uma forma objetiva, algo importante para o desenvolvimento do autoconceito (p. 244).

A fotografia é um recurso de conhecimento em marcante crescimento, expansão e importância. O as-

sunto registrado através da imagem é analisado e interpretado de forma muito mais cuidadosa e qualificada. Num certo sentido, fotografar é apropriar-se do objeto de estudo e, nessa medida, “(...) a fotografia nos aproxima do nosso objeto. É como estabelecer com o mundo uma relação de saber; logo, de poder” (Peixoto, 1990, p.471).

Fotografar os varredores em seu local de trabalho, o espaço público, seria uma forma de registrar o sujeito em seu contexto. O confronto do objeto fotografado com sua imagem proporcionaria um espaço de reflexão e nostalgia, uma vez que, no instante do registro, a imagem já representaria o passado. A imagem registrada transformaria o conhecido em novo, delineando uma forma única que antes permanecia inexplorada.

Além de promover a autocontemplação de maneira privilegiada, o registro fotográfico poderia evidenciar a leitura que estes profissionais faziam de sua realidade cotidiana e de si mesmos em seu contexto profissional. O momento de reflexão e compartilhar de sentimentos provocados pelas imagens permitiriam que participássemos do processo de *identificações em curso* (Sousa Santos, 1995)⁴, e este seria um espaço fecundo para se trabalhar a resignificação dos sujeitos e do lugar que ocupam, ao mesmo tempo em que se objetivaria que estes se reconhecessem enquanto protagonistas de sua própria história, bem como da história da sua coletividade.

OS SUJEITOS, OS ENCONTROS E A DINÂMICA DO TRABALHO

Nosso contato com os varredores de rua do roteiro “X”⁵ teve início quando, após obtermos aprovação de nosso projeto junto à uma empresa de coleta de lixo, fizemos uma visita de apresentação pessoal e acadêmica onde esclarecemos os objetivos do trabalho e, posteriormente, solicitamos o consentimento de todos para desenvolvermos ali as atividades propostas. Os encontros aconteceram semanalmente ao longo de um semestre, onde mantivemos nosso convívio por meio de conversas informais, observações participantes, entrevistas, resgate de histórias de vida e sessões fotográficas, objetivando conhecer e nos aproximarmos da realidade dos varredores de rua.

³ Esta ocorreu porque houve o consentimento de todos os sujeitos que se comprometeram assinando um termo de consentimento livre e esclarecido.

⁴ Expressão que indica a identidade como algo inacabado e em constante processo de construção.

⁵ A varreção de rua é organizada por roteiros, sendo que cada um deles é composto por um grupo de varredores que trabalha em determinada localidade. O grupo do roteiro “X” era composto por uma encarregada (responsável por todo o grupo) e mais 8 pessoas, das quais 5 mulheres e 3 homens, todos responsáveis pela limpeza das ruas de cinco bairros.

Sabe-se que uma característica importante desta profissão é o lugar onde é exercida “sua atividade de trabalho, o espaço público da rua, o que possibilita uma multiplicidade de qualidade, ou melhor, de pares contraditórios de qualidade, tal qual, o espaço onde se realiza” (Santos, 1996, p. 69). Se por um lado, a rua oferece uma certa ‘liberdade’ e descontração enquanto ambiente de trabalho, há em contrapartida, as dificuldades oriundas da ausência de um espaço físico⁶ que os proteja dos excessos climáticos e, onde possam satisfazer suas necessidades fisiológicas básicas e de higiene. Há também o fato de ser um trabalho insalubre, pois a varreção é feita sempre muito próxima ao trânsito de veículos nas ruas e avenidas.

Embora este trabalho tenha partido de trabalhos anteriores acerca do tema (Costa, 2002; Santos, 1996; Barboza, 2003; Barboza, 2000), foi preocupação constante não reproduzirmos verdades prontas. Orientamos nosso olhar em busca do que houvesse de mais singular nestas pessoas e, nesse sentido, optamos por sessões fotográficas como ‘recurso de aproximação’ com estes sujeitos.

A impressão inicial que tivemos no contato com eles, foi que sentiam um certo constrangimento com a idéia de serem fotografados. Quando dissemos que, entre outras atividades, gostaríamos de fotografá-los, alguns riram e outros pareceram nem ouvir. No dia do primeiro registro, fotografamos dois sujeitos que fariam a varreção próxima ao “barraco” (nome que eles davam a sede do roteiro). Demos início à sessão fotografando a saída de todos ao trabalho e, em seguida, acompanhamos o percurso dos dois varredores. O constrangimento, pouco a pouco, transformou-se em satisfação, ficando claro que eles apreciavam o fato de estarmos interessadas em seu trabalho.

Tivemos a comprovação da satisfação em relação ao nosso trabalho dias depois, quando fotografávamos outros sujeitos dentre os quais se encontrava Ana⁷, uma das varredoras, especificamente, a que aparentava maior indiferença com a nossa presença. Ao longo do registro, permanecemos a distância, fotografando-os do outro lado da rua, mas quando terminamos e fomos nos despedir, Ana nos olhou e disse: “– E eu? Hoje não era a minha vez?” Ela não percebera que já havíamos fotografado todos eles e, portanto, estávamos partindo. Aos poucos, pudemos perceber que todos do grupo estavam interessados no trabalho que

fazíamos e sentiam-se valorizados com os registros fotográficos.

Assim, logo que foram apresentadas as primeiras revelações fotográficas, observamos que as imagens retratadas traziam material novo a ser agregado àquelas histórias, as quais, juntamente com a escuta das entrevistas gravadas, proporcionaram um espaço único onde os varredores puderam contemplar-se. As entrevistas foram realizadas, em sua maior parte, individualmente e no acompanhamento do trajeto da varreção de cada um. Sempre ao final desta, colocávamos o sujeito entrevistado para ouvir o que havia sido registrado. Esta prática foi interessante porque a maioria deles nunca havia ouvido sua voz em gravação, e afirmava ter gostado mais de ouvir que de dar a entrevista. Constantemente tínhamos o retorno da satisfação deles diante das fotografias pelas suas expressões faciais e pelos comentários incessantes que faziam durante o compartilhar.

Nestes espaços, o riso e os comentários de uns com a imagem dos outros, ou de si próprios, estavam sempre acontecendo, fosse para tecerem comentários engraçados, para elogiarem, ou ainda, para pedirem a foto de outro para si. Costumavam chamar de “escolhido” aquele(a) que aparecia em mais fotos, tornando evidente o prazer envolvido naquele momento e também no momento em que eram fotografados. Eles passaram a dar sugestões de onde deveríamos fazer os registros, alguns até pediam para serem fotografados em determinados lugares.

Percebemos, então, que o intento de proporcionar bons encontros estava se efetivando. O café que tomávamos com eles em todas as visitas antes da saída para o trabalho configurou-se como um espaço de escuta e compartilhar de fatos pessoais, onde indignação, apoio, risos e sugestões apareciam como respostas aos conteúdos socializados. As emoções experimentadas nestes momentos apresentaram-se como uma oportunidade concreta capaz de agregar à (re)construção destes sujeitos a importância e valorização de sua singularidade e de seus desejos.

Pudemos observar, também, que eles formavam um tipo específico de coletivo, onde cada um era parte integrante de uma estrutura e trazia suas características únicas para construir um “todo”. Descobrimos que aquela forma de coletivo se estruturava num grupo, caracterizado enquanto uma totalização de totalidades individuais (Sartre apud Lapassade, 1983). Existia uma história comum, apontando que eles se constituíam enquanto uma equipe de trabalho que não compartilhava semelhanças apenas no uso do uniforme, do carrinho e das vassouras. Parecia haver um cuidado efetivo entre eles, no sentido de se preocuparem com eventuais ou freqüentes problemas que algum colega

⁶ Nesta cidade, há uma pequena sede em cada roteiro de varreção, onde os varredores guardam seus pertences e instrumentos de trabalho, sendo o seu ponto de partida e chegada da varreção. O espaço dispõe também de um banheiro e uma cozinha, contudo, muitas vezes, a varreção é feita distante deste local, o que os impede de utilizá-lo sempre que necessitam.

⁷ Este nome é fictício, bem como, todos os outros que forem utilizados ao longo do texto.

pudesse estar passando. Era nítido também o desejo de se reunirem sempre que possível para festejarem as datas que consideravam especiais, demonstrando um enlace afetivo e profissional ao mesmo tempo, que os unificava cotidianamente.

Os encontros possibilitaram nossa participação na realização daquelas histórias, inseridas num cenário de diversas singularidades, por meio do qual (re)construíamos e produzíamos novos sentidos às nossas existências, sempre mediados pela alteridade, afetividade e valorização dos sujeitos.

Nessa perspectiva, um lugar privilegiado de prevenção do sofrimento psicossocial é o local em que se convive com os pares, diariamente, que é sentido como o ‘meu lugar’, no sentido de se aquecer o calor deste, material e subjetivamente, criando núcleos sociais, culturais e psicológicos geradores de acolhimento e solidariedade (Sawaia, 1995b, p. 52).

Conhecemos cada pessoa do grupo, informações, histórias de vida. Considerando os sujeitos como unificações múltiplas, que se realizam na relação Eu-Outro, sendo constituído e constituinte do processo socio-histórico onde a subjetividade aparece como interface (Molon, 1999); procuramos estabelecer espaços de conversas informais, onde olhar e escuta mesclavam-se e faziam-se atentos ao que estas pessoas falavam. Por vezes, provocávamos as lembranças de seus passados com perguntas relativas à infância e juventude, demonstrávamos pelo nosso olhar interessado e escuta constante, o quanto suas histórias de vida eram aceitas e tinham lugar privilegiado.

Em contrapartida, também contávamos de nós e, nesta medida, estabelecemos uma *reciprocidade de relações concretas* que impediu qualquer possibilidade de reproduzirmos ali a *reciprocidade sem eco* que, por vezes, sofreram. No entanto, inicialmente não sabíamos em que medida nossos olhares que chegavam por fora de seus contextos poderiam afetar os significados em decurso, mas sabíamos que “para não adoecer, o homem precisa de um lugar onde o esperam coisas conhecidas, hábitos, segurança e uma forte dose de sentimentos” (Heller apud Sawaia, 1995B, p. 52). Restava sabermos qual o sentido afetivo-volitivo que estes sujeitos produziam acerca de seu trabalho, que dores e prazeres vivenciavam na principal atividade de suas vidas naquele momento.

OS SENTIDOS DO TRABALHO

Durante todo o semestre, freqüentávamos o “bar-raco” por 2 a 3 vezes na semana, participando do cotidiano destes sujeitos no que se referia ao seu trabalho e às manifestações da singularidade de cada um na-

quele espaço. Chegávamos no roteiro “X”, geralmente, 15 minutos antes da saída para a varreção, neste intervalo os trabalhadores verificavam e organizavam seus instrumentos de trabalho, tomavam café e aguardavam a ordem da encarregada para saber qual seria o trajeto do dia.

Logo na segunda semana de contato, iniciou-se o hábito de tomarmos café da manhã juntos, e ali foi instaurado, sem que houvesse sugestão de nossa parte, um espaço de conversas informais bastante interessante, pois expressava o momento em que nossas histórias se cruzavam. No decorrer destas conversas informais, pudemos completar as informações que obtivemos por meio das entrevistas que realizamos, nas quais questionávamos sobre suas histórias de vida e, principalmente, acerca dos sentidos que tinham a respeito do seu trabalho. Todas estas atividades foram efetuadas durante o horário de trabalho dos varredores, estes necessitam cumprir uma jornada diária de 6 horas, a qual começa às 7h e termina às 13h, com um intervalo de 20 minutos.

Os sujeitos do nosso trabalho compartilhavam o roteiro “X” há pouco mais de 1 ano, porém muitos deles já eram funcionários antigos da empresa. As idades variavam entre 25 e 54 anos e alguns procediam de diferentes localidades do estado, escolhendo a Ilha de Santa Catarina para fixar residência. Esses varredores e varredoras eram, em sua maioria, pessoas alegres, acolhedoras, responsáveis, satisfeitas e pacíficas. Em alguns momentos, percebemos que um pensamento crítico e de questionamento da realidade também se fazia presente.

Ao longo desse processo, tornou-se evidente o quanto a maioria da equipe do roteiro “X” é satisfeita por estar, segundo eles, “num bom serviço”, onde existe uma certa estabilidade, pois a maior parte deles entrou por meio de concurso público e todos têm vínculo empregatício com a empresa via assinatura da carteira de trabalho. Desta forma, existe a perspectiva da aposentadoria conforme a CLT.

Dentre as falas mais freqüentes relativas ao seu emprego, surgiam testemunhos da satisfação por se sentirem incluídos no mercado formal de trabalho, como podemos perceber, por exemplo, nas palavras da encarregada: “qual é o serviço que dá a oportunidade de trabalhar só meio período, com carteira assinada e um bom salário?” Ou no relato de outro varredor, quando questionado a respeito de seus sonhos, “só de estar num bom emprego já é a realização de um sonho”.

Outro aspecto positivo descrito era a oportunidade de trabalhar ao ar livre, possibilitando o contato com diversas pessoas e o surgimento de novas amizades, como declara João: “o que eu mais gosto no meu ser-

viço é tá na rua com os amigo, é bom, o serviço é bom... tá sempre trabalhando, conversando com os outro e o serviço tá sempre bom". O prazer que sujeitos em contextos de trabalho semelhantes, ou seja, em locais abertos, têm vivenciado em suas práticas cotidianas, pode ser destacado também em outras pesquisas, como a que foi desenvolvida por Santos (1996), junto a coletores de lixo em São Paulo, quando afirma que "trabalhar no espaço da rua, implica na diversidade que esta proporciona em distrair-se, esquecer dos problemas para dar espaço a outras vivências (...)" (p. 73).

As declarações referentes ao trabalho, em sua maioria, expressavam um contentamento por estar em um emprego seguro, independentemente da função que realizavam, uma vez que se intensifica "cada vez mais o número de pessoas que se encontram excluídas do processo formal de produção, buscando envolver-se em atividades informais como forma de garantir a sua sobrevivência" (Barboza, 2003, p. 11). Desta forma, eles se percebem como privilegiados por não estarem à margem do processo formal de produção, o que lhes deixa seguros de sua sobrevivência, e o resto "a gente faz de conta que nada é nada", como nos respondeu um varredor quando perguntamos como era a relação com as pessoas com quem dividia o espaço de seu ambiente de trabalho.

Percebemos que eles criavam estratégias para driblar o descaso e, por vezes, o desrespeito que recebiam de alguns transeuntes, e buscavam saídas para encarar tais situações desfavoráveis, e o "fazer de conta que nada é nada" foi uma delas. Apareceram também outras falas que denunciavam as dificuldades no trabalho, segundo Dora, "a discriminação é geral, é geral, por isso eu acho que eu ignorei essa parte, entendesse? Pra... assim, justamente, pra gente não sofrer. Então, era mais preferível cuidar do meu trabalho, fazer o meu serviço, do que tá, assim... ouvindo (...)".

Dora afirmou ter sido muito difícil encarar a própria discriminação referente ao trabalho de varrer ruas logo que se tornou uma varredora, disse que nas primeiras semanas só varria de cabeça baixa, com o chapéu escondendo o rosto e, quando via algum amigo ou conhecido aproximar-se, procurava desviar o caminho. Conta que sua adaptação ao trabalho foi progressiva: "depois de uma semana, quinze dias, que eu fui me adaptar ao trabalho... (...) Depois eu, né, vi que era um serviço como outro qualquer, serviço bem melhor dos que eu já tinha passado, né, e comecei a encarar o meu trabalho com outra realidade".

Não houve entre eles alguém que tenha optado pelo emprego por querer ser prioritariamente um varredor de rua, mas sim por ser, no momento, a opção disponível. Contudo, as declarações revelaram que no

decorrer do convívio e no estreitamento dos laços de amizade que conseguiram estabelecer no roteiro "X", as referidas dificuldades se abrandaram, tornando seu fazer mais prazeroso. Houve várias vezes em que alguns deles afirmaram o orgulho por sua profissão, apoiando-o na importância de sua função para a sociedade, para outros sujeitos, como podemos observar na fala de Andréa, quando perguntada sobre o que considerava melhor em seu trabalho. Em seu relato, em nos conta que "as pessoas, as pessoas reconhecerem o meu trabalho, o trabalho que eu faço", deixando clara a estreita ligação entre bem-estar psicossocial e a qualidade e reciprocidade das relações estabelecidas cotidianamente (Sawaia, 1995a).

A relação de prazer com o trabalho que foi registrada no decorrer das sessões fotográficas e das entrevistas, ficou ainda mais evidenciada quando do confronto desses sujeitos com suas imagens organizadas em uma exposição fotográfica pública. A satisfação expressa nos rostos sorridentes e nas palavras de agradecimento, tornavam claro o bem-estar e satisfação experimentados naquele momento, como nos aponta Andréa, emocionada ao contemplar-se nas imagens: "olha, como eu tô linda! Ai gente, muito obrigada!" Naquele momento, cada um poderia se reconhecer e reconhecer seus pares na semelhança e na diferença que aquelas imagens transpareceriam acerca de suas atividades cotidianas e no modo como se faziam sujeitos trabalhadores na rua, demonstrado no interesse minucioso de olhar detalhadamente cada foto, sua e dos companheiros.

A exposição foi organizada em um espaço destinado para eventos desta ordem, na Universidade Federal de Santa Catarina e marcou a última etapa de nosso trabalho. As fotos selecionadas continham, em sua maioria, imagens individuais de cada trabalhador, abaixo destas havia um pequeno texto que identificava cada sujeito com algumas de suas características pessoais, passagens da sua história, projetos atuais e, sobretudo, o que mais lhes agradava e era prazeroso em sua profissão.

O intuito de tal exposição foi encerrar o trabalho mantendo-se o objetivo que orientou todas as atividades, qual seja, o de "trabalhar no local da vida cotidiana, que é ponto fixo do qual o indivíduo parte e volta, diariamente, procurando transformar este lugar no ponto de segurança, afetividade e de tolerância à pluralidade de formas de viver (...)" (Sawaia, 1995b, p. 52). Foi também finalidade levar ao público em geral novas informações – sobretudo visuais – acerca da realidade de uma categoria profissional pouco conhecida cientificamente, procurando promover um espaço de chamamento à reflexão sobre a posição e importância socialmente atribuída ao fazer do varredor de rua.

Costa (2002) que investigou longamente esta posição social ocupada pelo sujeito varredor de rua, concluiu em sua dissertação de mestrado o quanto o olhar personalizante, de reconhecimento interpessoal, perdeu espaço para o olhar humilhante, objetivante, nas relações estabelecidas entre os garis participantes de sua pesquisa e a comunidade na qual exerciam a sua profissão. Contudo, embora tenhamos constatado que vivências semelhantes a estas também foram experimentadas pelos sujeitos com os quais trabalhamos, a realidade destes nos pareceu menos dolorosa, podendo ser percebida no testemunho da maioria deles, quando ressaltaram vários aspectos positivos e produtores de satisfação na/por sua profissão. Diferentes fatores poderiam estar determinando a não coincidência dos referidos resultados, os quais vão desde a especificidade do contexto das diferentes cidades, como da vivência específica dos diferentes sujeitos, demonstrando que a comparação não se faz, neste momento, um objetivo de nossa análise. Ao contrário, fica, por enquanto, o desejo de que a particularidade e a universalidade dos sentidos de tal atividade possam estar elucidando as futuras pesquisas que tenham o trabalho na rua como principal temática.

REFERÊNCIAS

- Barboza, D. (2000). Cooperativismo, cidadania e a dialética da exclusão/inclusão: o sofrimento ético-político dos catadores de material reciclável. *Psicologia & Sociedade*, 12, 1/2, 55-63.
- Barboza, D. (2003). *O movimento de potência e/ou impotência de ação dos catadores de material reciclável de Criciúma/SC no que se refere à construção da sua cidadania*. [Dissertação de Mestrado], Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Costa, F. B. da. (2002). *Garis – um estudo de psicologia sobre invisibilidade pública*. [Dissertação de Mestrado], Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Gomes, P. (1996). *Da escrita à imagem: da fotografia à subjetividade*. [Dissertação de Mestrado], Instituto de Psicologia, UFRGS, Porto Alegre.
- Koller, S. H., Neiva-Silva, L. (2002). O uso da fotografia na pesquisa em psicologia. *Estudos de Psicologia*, 7, 2, 237-250.
- Lapassade, G. (1983). Dialética dos grupos, das organizações e das instituições. In G. Lapassade. *Grupos, organizações e instituições* (pp. 227-259). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Maheirie, K. (2002). Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. *Revista Interações*, 7, 13, 31-44.
- Molon, S. I. (1999). *Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky*. São Paulo: EDUC.
- Peixoto, N. B. (1990). As imagens e o outro. In A. Novaes. *O desejo* (pp. 471-480). São Paulo: Companhia das Letras, Rio de Janeiro: Funarte.
- Sais, A. P. (1995). *Coisas de Velho: coisas de vida*. [Dissertação de Mestrado], Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Sousa Santos, B. de. (1995) *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez.
- Santos, L. F. (1996). *Coletores de lixo e a ambigüidade de coletores de lixo na rua*. [Dissertação de Mestrado], Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Sawaia, B. B. (1995a). Dimensão ético-afetiva do adoecer da classe trabalhadora. In B. B. Sawaia e S. T. M. Lane (Orgs.). *Novas veredas da psicologia social* (pp. 157-168). São Paulo: Brasiliense: EDUC.
- Sawaia, B. B. (1995b). Psicologia social: aspectos epistemológicos e éticos. In B. B. Sawaia & S. T. M. Lane (Orgs.). *Novas veredas da psicologia social* (pp. 45-53). São Paulo: Brasiliense: EDUC.
- Sawaia B. B. (1999). O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In B. B. Sawaia, (org). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. (pp. 97-118). Petrópolis: Vozes.
- Spencer, D. A. (1974). *Color photography in practice*. Londres: Iliffe & Sons.
- Tittoni, J. & Jacques, M. da G. (1998). Pesquisa. In M. N. Strey, et al. (Orgs.). *Psicologia social contemporânea* (pp. 73-85). Petrópolis: Vozes.
- Vygotsky, L. S. (1996). *Teoria e Método em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Zanella, A. V. (2004). Atividade, Significação e Constituição do Sujeito: Considerações à luz da psicologia histórico-cultural. *Psicologia em Estudo*, 9, 1, 127-135.

Recebido em: 02/07/2004. Aceito em: 14/04/2005.

Autoras:

Kátia Maheirie – Psicóloga. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
 Patrícia Boeing – Psicóloga. Professora do Departamento de Psicologia, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
 Gissele Cristina Pinto – Psicóloga. Professora do Departamento de Psicologia, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).